

# COLETE ENCARNADO 2010 VILA FRANCA DE XIRA



**2, 3 E 4 JULHO**



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

# Fado<sup>de</sup> Vila Franca

Letra e Música: João Nobre

Barrete sobre a orelha  
cinta vermelha bem apertada  
e ao alto firme o pampilho  
quando o novilho foge à manada

Com o colete encarnado  
jaqueta e meia branca  
campinos toiros e fado  
esperas de gado em vila franca

Oh terras do ribatejo  
cheias de sol e alegria  
oh gente sem ambições  
que dá lições de valentia

Oh terras de vila franca  
onde tanta e tanta vez  
sem temer uma colhida  
se arrisca a vida com altivez

Um lavrador de samarra  
e uma guitarra bem dedelhada  
campinos de manhã cedo  
firmes sem medo sobre a montada

E se uma pega é valente  
ninguém da praça os arranca  
vibra a gente entusiasmada  
numa tourada em vila franca

Oh terras do ribatejo  
cheias de sol e alegria  
oh gente sem ambições  
que dá lições de valentia

Oh terras de vila franca  
onde tanta e tanta vez  
sem temer uma colhida  
se arrisca a vida com altivez


## FICHA TÉCNICA

Propriedade:  
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Direcção:  
Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Maria da Luz Rosinha

Edição:  
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Departamento de Cultura, Turismo e Actividades  
Económicas

Design, Redacção e Fotografia:  
Gabinete de Gestão de Informação e Relações Públicas

Impressão:  
  
Tiragem:  
3000 exemplares

Distribuição Gratuita - Junho 2010

# EDITORIAL



Presidente da Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira

**Maria da Luz Rosinha**

Como manda a nossa tradição, no primeiro fim-de-semana de Julho as ruas de Vila Franca de Xira enchem-se de cor e música, enfeitam-se as montras e a cidade veste-se de gala para a realização da nossa Festa Maior. O Colete Encarnado é a nossa sala de visitas e, por esta altura, cada visitante é um convidado especial, que recebemos com muita satisfação.

O Colete Encarnado é a festa dos aficionados e por isso, este é o momento que escolhemos para prestar a nossa mais sincera homenagem ao Campino, a principal figura deste grande evento. Mas este é também o momento para muitas coisas mais: para participar nas Largadas e Esperas de Toiros e nos espectáculos taurinos que decorrem na Palha Blanco; para percorrer as ruas da cidade pela noite fora, e pelo dia também, com os amigos e todos quantos se juntam nesta celebração, nesta alegria que se encontra em cada tertúlia que abre as suas portas, em cada palco com as suas actuações, em cada ponto de sardinha assada com os sabores da nossa terra e da nossa gente.

São três dias em que não há lugar para cansaços ou preocupações. Na Igreja Matriz, iremos assistir à Missa Rociera. No Palco da Av. Pedro Victor temos este ano os Deolinda (na Sexta-feira), o José Cid (no Sábado) e a Carminho (no Domingo). No Celeiro da Patriarcal, o 1.º Salão de Automóveis e Motociclos Clássicos de Vila Franca de Xira. No Jardim Municipal toda a cidade se juntará para o encerramento da Festa, com um belíssimo espectáculo de fogo-de-artifício.

Em cada recanto de Vila Franca de Xira, cada festa é afinal a mesma: a Festa do Colete Encarnado, dedicada com carinho a todos Vós.

Por tudo isto, seja muito bem-vindo à nossa Festa!

A Presidente da Câmara Municipal

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Maria da Luz Rosinha', written over a thin horizontal line.





CAMPIDO HOMENAGEADO

# JOÃO TOUREIRO DOMINGOS

## “BAGO DE MILHO” DE ALMA E CORAÇÃO NO CAMPO



*Por João Toureiro Domingos ninguém o conhece. Mas se mencionarmos “Bago de Milho” toda a gente sabe de quem falamos. Entregou o coração e a vida à campinagem e, pela forma como honrou este compromisso, os seus companheiros de profissão elegeram-no para ser o campino homenageado neste 78.º Colete Encarnado.*

*“Bago de Milho”  
ao campo pertence*

Nascido e baptizado em Samora Correia, concelho de Benavente, “Bago de Milho” recebe este ano, não só uma homenagem em Vila Franca de Xira como também as suas 70 Primaveras comemoradas no dia 23 de Maio. Uma vida preenchida de trabalho destinada, desde logo, a seguir as pisadas dos seus antepassados: ser campino. Foi no Alentejo, na Companhia Previdente, onde trabalhava o pai no ofício de campino, que viveu a sua meninice e que de brincadeira teve pouco. Não foi à escola, as sebatas e os lápis foram trocados pelos campos de cultivo, os primeiros contactos com o gado e o início daquela que viria a ser uma vida dedicada à campinagem. Tal como o ofício, a alcunha foi herdada do pai

que assim era chamado desde pequeno, quando andava sempre a importunar, “de volta das saias da mãe”. Aos sete anos, a família mudou-se para a Casa Prudêncio, em Almeirim, onde o seu pai passou a trabalhar e, mais tarde, para a Companhia das Lezírias, “onde estava o meu pai, estava a minha mãe, eu e as minhas irmãs”, afiança-nos. Ali ficou até aos 22 anos onde, afirma convicto, aprendeu tudo o que sabe hoje, apesar do seu percurso ter conhecido várias casas. A obrigação militar levou-o, entretanto, para Angola e no regresso integrou o pessoal da Oliveira Irmãos por um período de sete anos, trabalhou ainda na Herdade de Camarate, nas Ganadarias Mário Vinhas, Conde Cabral, António José Teixeira e passa ainda pela Casa Ruy Gonçalves, em Azambuja, antes de ingressar na carismática Casa Palha, para ficar durante 20 anos até à sua aposentação há cerca de quatro anos.





### A campinagem foi a sua companheira

Solteiro até hoje, Bago de Milho encontrou no campo e no gado a sua alma gêmea. Era no meio do gado que se sentia bem, mesmo quando comandava na Quinta da Foz quinhentas e muitas cabeças de gado e todo o inerente árduo trabalho. Modesto, fala das suas tarefas de modo simples, furtando-se a admitir a elevada exigência física da profissão. Ao nascer do sol começava a sua jornada da qual fazia parte dar a volta ao gado, cuidar da sua alimentação, identificar novos bezerros, ver a necessidade de cuidados veterinários, pousar a atenção em todos os pormenores. Desenvolver tarefas arriscadas como enchocalhar ou apartar o gado, fazer a desmama, as tentas e as ferras requeriam perícia mas, para este campino, era “só” a sua “função”. Feliz da vida ficava quando ainda o convidavam para ir ajudar noutras quintas, “ia sempre, este trabalho é um gosto” confessa, denunciando a sua total entrega. A experiência conquistada ao longo de uma vida dedicada ao gado permitiu o improvisado e trouxe-lhe a mestria, tão relevante nas situações de perigo iminentes neste ofício. “Bago de Milho” confessa que apanhou alguns sustos e recorda o episódio mais marcante, quando ficou debaixo de uma égua, que lhe deixou até hoje uma mazela: “bom, não tenho nada mas, de vez em quando, vem uma dorzita aqui à boca do estômago, onde senti aquele peso todo” explica, apontando para o externo. Contudo, não deixa de assinalar que é nesta vida rural que se sente bem e dificilmente desempenharia outra profissão. Quem o conheceu na campinagem viu um homem de têmpera, destemido, guiado pela sorte em momentos que lhe podiam ter custado a vida. “Tive um problema com o álcool”, admite sem rodeios. “Sentia uma força, agarrava numa vara e ou ia ou rachava, esperava as vacas bravas na cachaporra, pegava os garraios, para mim era uma brincadeira” conta, agora consciente do perigo encarado. Mas o seu patrão chamou-o à razão quando lhe disse que estava a desperdiçar a sua habilidade com o gado para um vício que lhe daria cabo do corpo e da vida. Depois de algum tempo de tratamento, incentivado e acompanhado pelo seu próprio patrono, “Bago de Milho” pôs fim a esta dependência e “até hoje nem mais uma gota” bebeu, diz com certo orgulho. Longe vão os tempos em que se arrojava impetuosamente pelos campos da Lezíria; “se aquilo continuasse já cá não estava!”, exclama convicto, “cheguei a pesar 65kg!”. Por isso, não esquece a gratidão a quem olhou por ele e, ao contrário das parcas palavras com que nos brinda a falar da sua vida, não poupa agradecimentos a quem o salvou; “Gosto muito deles”, referindo-se ao patrão e restante família, “são muito meus amigos, fizeram muito por mim”.







### As saudades dos velhos tempos



Saudoso, faz questão de frisar que antigamente o seu ofício “era mais duro mas era mais bonito, dava gosto andar sempre perto do gado” pois, não havendo vedações, o gado era em muitos casos guardado 24 horas pelos campinos, não fosse algum animal tresmalhar. Recorda as noites chuvosas passadas ao relento com o pai, com um chapéu-de-chuva a protegê-los junto às árvores. “Se bem que a água corria por baixo dos dois, mas eu gostava!”, exclama com indisfarçável contentamento, como quem revive uma aventura de criança. As privações e condições adversas não lhe tiravam o gosto, guardar as searas e as pastagens na companhia do cão e o maneio do gado compensavam a iliteracia. Até porque, conta sem vaidade, gabavam-lhe o trabalho certinho na hora da ferra. Sem saber ler nem escrever arranjava manhas para se orientar e tomar nota de tudo correctamente, “era pelo meu tino, agora a malta sabe ler e às vezes está tudo mal! Antigamente tiravam-se melhores ensinamentos da arte de campinar” diz, referindo-se às “modernices” como os *jeeps* e tractores que ajudam agora na lida diária. Era agreste, é certo, “mas para mim era uma alegria, sentir os bezerrinhos a marrar nas pernas...!” Das suas memórias faz também parte uma égua especial, a “Oxalá” com que andou na campinagem e que está agora na Quinta da Foz, em Benavente, “se tivesse dinheiro já a tinha comprado, é uma Cruzada *Percheron* e a mãe dela era a égua da tenta”, explica-nos. Agora, reformado mas mantendo-se como parte integrante da Herdade Vil Figueira, o maioral das vacas goza de um descanso bem merecido e necessário, uma vez que padece de um problema de circulação, o qual o levou a retirar-se da profissão mais cedo do que desejaria. Afecta-lhe sobretudo as pernas e já lhe exigiu internamento hospitalar, razões pelas quais já não pode realizar as provas, como antigamente, nas festas da Azambuja, Vila Franca de Xira,





Santarém e Alcochete, “ainda arranquei sete taças”, revelamos. “Mas agora não pode ser, tenho receio que me falhem as pernas”, diz com pena. “Nem conduzir os cabrestos nas Praças de Toiros como fiz nas de Arruda, Azambuja e Tomar, quando integrava a casa Oliveira Irmãos”.

### A Homenagem

Com excepção destes últimos anos, por causa do seu problema de saúde, “Bago de Milho” era presença assídua no Colete Encarnado. Vivía os três dias tal como sente a Festa Brava, com *aficcion* e gosto. Viveu em exclusivo para o campo e para o gado e talvez por isso veja o seu ofício como algo que lhe é inato. Mas há que destacar aqueles que não só contribuíram como também abraçaram a arte, que ainda hoje são, entre velhos e novos, um sinónimo de campino. Por essa razão, os seus colegas decidiram homenageá-lo, este ano, na Festa Maior do concelho de Vila Franca de Xira. A propósito da Cerimónia na qual será o centro das atenções, evoca o colega António Carniça, cujo nome estará inscrito no Pampilho de Honra com que será brindado. Trabalhou com ele directamente, “eu era maioral das vacas e ele dos toiros, fico contente, pois!” Envergando o traje de festa, barrete verde, colete encarnado e pampilho na mão direita, como manda a regra, perfilam-se no Largo do Município, no dia 3 de Julho, os campinos e as suas montadas para um momento recheado de simbolismo. Homenageia-se o Campino, este ano, na pessoa de João Toureiro Domingos.

Texto: Ana Sofia Coelho  
Foto: Hélder Dias



## DE BRAÇOS E PORTAS ABERTAS

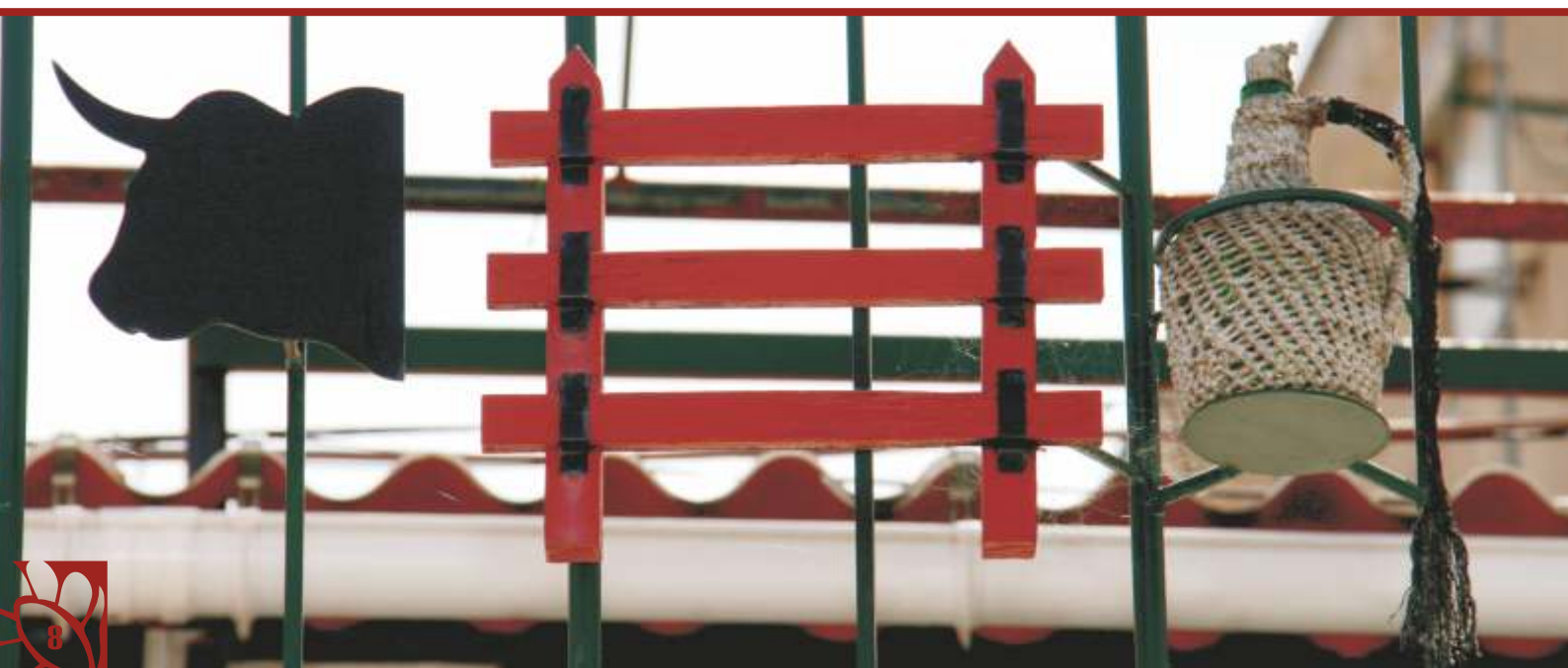


*Virada para o Tejo e vigiada pela bonita encosta de Monte Gordo, a Zás&Vira Associação é um verdadeiro miradouro, que vale a pena conhecer. Entrámos para conversar e encontrámos uma história de união e motivação entre os tertulianos desta Casa.*

*Por amizade  
e afección*

O espírito é desde logo evidente: recebe-nos um grupo de 12 entusiastas, envergando sem excepção a camisa com o logótipo da tertúlia, fazendo adivinhar uma conversa entre gente franca e castiça. Numa mesa corrida, certamente testemunha de muitos almoços e cantorias, juntaram-se alguns dos associados interessados em contar-nos como funciona esta tertúlia, uma das únicas três autenticadas no Concelho enquanto associação. Explica-nos Arnaldo Marques, o actual Presidente, que tudo começou quando um grupo de amigos, alguns colegas de trabalho, se reuniu para um primeiro almoço de Colete Encarnado. Corria o ano de 1990

e o dia 7 de Julho marcou o início de uma obra, fruto da amizade e do gosto pela Festa Brava. Sem lugar cativo, este grupo passou a reunir-se por essa altura, onde lhes era possível, chegaram a fazê-lo no Ateneu Artístico Vilafranquense, na altura em construção. Inicialmente designada por Charrês, esta tertúlia realiza a primeira reunião no dia 9 de Novembro de 2002, no local que é hoje a sua sede: o primeiro andar do n.º 11 da R. Dr. Sousa Martins, em Vila Franca de Xira. Alugado o espaço, uma casa de habitação, as ideias começaram a surgir e avançaram para uma primeira obra, fechando uma varanda para adaptar o espaço às necessidades da tertúlia que desejavam. Alguns dos sócios foram a própria mão-de-obra e com mais algumas ajudas conseguiram compor aquilo a que se propuseram. Também não foi excepção quando há





# TERTÚLIA ZÁS&VIRA ASSOCIAÇÃO



um ano a garagem da mesma fracção vagou e, aventureiros, decidiram partir para a compra do edifício, recorrendo a um financiamento bancário. Montaram, num espaço de um ano, a casa como a conhecemos hoje. A par deste investimento, bem como a vontade de manter as portas abertas e as evidentes dificuldades em concretizar alguns desejos, levou a que se decidissem pela legalização da tertúlia, registando-a como associação, com estatuto e regulamento próprios.

Passou a designar-se Zás&Vira Associação. Instituída uma quota para os seus sócios, esta tertúlia não pára, com vista a garantir a sua continuidade; organiza eventos como a Grande Noite do Fado com artistas do Concelho, que teve a sua primeira edição em 2009, sorteios e outras iniciativas bem ao jeito das paixões ribatejanas.

## Um copo de vinho não se nega a ninguém!

A Zás&Vira vai além da essência de uma tertúlia. Mais que uma reunião de amigos e familiares, os 40 sócios que a compõem, 38 efectivos e dois honorários, possuem traços comuns como uma vontade e um espírito do tamanho do mundo mas, principalmente, a grande *aficção*, o elemento chave partilhado por todos. É nesta sequência que estes amigos dizem não perceber a notória falta de união entre as tertúlias do Concelho, “se nos une o gosto pela Festa Brava porque havemos de estar cada um virado para si próprio? Podíamos fazer coisas interessantes, criar uma dinâmica de forma a fazer sobressair este traço da identidade do Concelho... Conseguimos ter maior intercâmbio com tertúlias de outros concelhos...”, revelam. “E depois há aqueles espaços que usufruem das condições da Câmara” (referindo-se à oferta de sardinha) “mas fecham portas à população... não está correcto. Aqui não somos capazes de negar a entrada a ninguém! E o Colete é mesmo assim, é para todos! Conheço as festas de outros concelhos com tradições semelhantes mas não há nada igual, isto é diferente, é imparável. Eu ainda sou do tempo em que fizeram o Colete Encarnado em Alcamé, lembro-me de passarmos a ponte de charrete...” diz o Presidente em tom saudosista.

Defende o grupo, que esta Casa distingue-se das outras, sobretudo, porque mantém, ao longo de todo o ano, as portas abertas. São muito activos, dos poucos que recebem amigos e curiosos sem época marcada. E depois dão, obviamente, especial ênfase por ocasião do Colete Encarnado, altura em que integram o roteiro das tertúlias, e ainda pela Feira Anual. É sabido que no primeiro fim-de-semana de Julho, a Zás&Vira estende-se para a rua até não percebermos mais onde começa e acaba a tertúlia ou mesmo os seus amigos. Mas é geralmente assim: “aqui abre-se porta e não se sabe quando fecha... Esta casa é das pessoas de Vila Franca”, dizem-nos de coração aberto.

Todos os meses se reúnem num almoço para o qual os associados podem trazer convidados. Não é raro estes últimos trazerem ofertas para juntar ao espólio da tertúlia. As paredes estão forradas de fotografias de toureiros, onde não faltam os ilustres Vila-Franquenses como José Falcão, José Júlio ou Vítor Mendes, cartazes do Colete Encarnado, pinturas alusivas à Festa. O grupo destaca um cartaz com os toureiros que saíram pela porta grande em Madrid, ofertado pelo Vice-cônsul José Amador e, ainda, um emblema do 1.º Zipxira oferecido por João Conceição. Não é de admirar que encontremos também nas paredes versos que alguém escreveu sobre a tertúlia e lhes ofertou, retribuindo a forma como os recebem neste espaço. Até um hino foi escrito, não faltando a bandeira nem t-shirts que identificam com orgulho os membros da Zás&Vira.

Além dos convidados é importante reunir os associados, pelo que estão agora a implementar um almoço quinzenal a fim de discutir os assuntos necessários. Reina a amizade e a organização, aplicada até numa escala de serviço para as tarefas inerentes a essas refeições. As mesmas que contam com um final peculiar, um ritual que envolve o grupo num brinde que consiste em bater na mesa com as mãos, em uníssonos, enquanto entoam o nome da Tertúlia.

Esperam que a Casa perdure no tempo e na família de cada sócio, que seja uma passagem de testemunho. Projectos não faltam e na manga está já uma nova obra para o espaço, eleições agendadas para novos corpos gerentes e, ainda, uma surpresa. No próximo dia 10 de Julho assinalam os 20 anos numa festa de campo para a qual estão previstos jogos tradicionais e outras actividades que o grupo não quer desvendar. Sabe-se que esta comemoração não vai ser excepção e receberá todos quantos queiram juntar-se a um convívio entre amigos.

E, tal como no final dos repastos desta tertúlia, é altura de brindar à Zás&Vira:

É Zás e Vira  
É Zás e Zás e Vira!

Texto: Ana Sofia Coelho  
Foto: Vítor Cartaxo



## 10 de Julho

**Programa da Festa da Zás&Vira  
Associação, no Cabo da Lezíria:**

**10h30 | Demonstração da arte  
de tourear (tentadero)**

**12h30 | Almoço**

**15h00 | Actuação de ranchos:  
Rancho Folclórico do Grupo  
Desportivo e Cultural da Loja  
Nova; Rancho Típico  
“Os Avieiros de Vila Franca de  
Xira”**

**17h00 | Largada de Vacas  
(tentadero)**

**18h00 | Jogos Tradicionais**

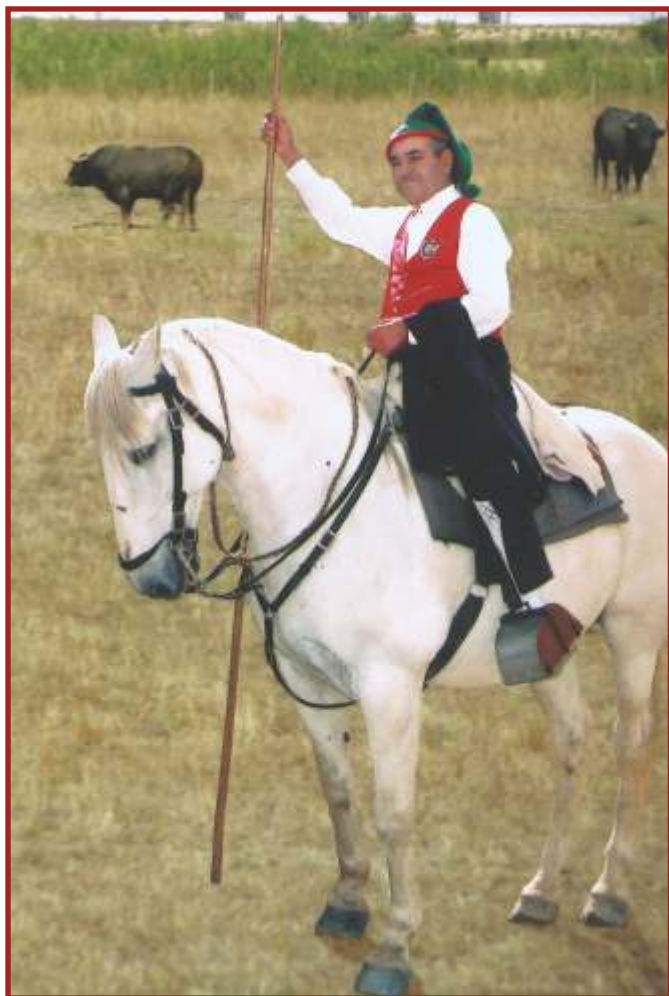
**19h00 | Porco no espeto**



# "SOU CAMPINO E OS CAMPINOS TÊM CORAÇÃO"

Estas foram as últimas palavras que Maria José Silva, companheira de Bodas de Ouro, ouviu da boca de António Agostinho da Silva, com quem criou quatro filhos, partilhou alegrias e tristezas, conviveu na saúde e na doença. Este campino amou a sua arte com todo o coração. Em Agosto passado, o seu coração obrigou-o a despedir-se da vida e da família. António "Carniça", o nome pelo qual era conhecido no meio da Festa Brava, vai estar inscrito no Pampilho de Honra de 2010.

É com grande emoção e profunda tristeza que Maria José recorda o 17 de Agosto de 2009. Foi neste dia que perdeu a companhia da sua vida, o pai dos seus filhos, o profissional que tanto admirou, o campino que todos conhecem. O Colete Encarnado honra a sua memória este ano, na cerimónia de Homenagem ao Campino. Não poderia ser de outra forma: a maior festa nacional, dedicada àquele que de colete vermelho e barrete verde lida com o gado, não

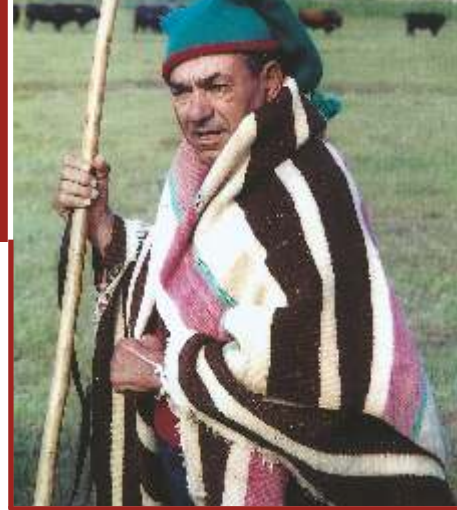


poderia deixar de distinguir um homem que dedicou 56 anos da sua vida a esta arte.

Neto e filho de campinos, ainda foi escriturário, mas aos 16 anos decidiu-se pelas vestes dos seus antepassados. Fê-lo até à ida para o Hospital, em Vila Franca de Xira, mesmo depois da merecida reforma. "Era muito apegado à família, às netas, aos filhos. Amava a arte dele de alma e coração, mas não deixava de fazer o que gostava, mesmo com prejuízo para a família. Não tinha de cumprir horários mas cumpria-os na íntegra. Levantava-se sempre às 6h, era madrugador. Às 8h estava sempre na Herdade da Terra Nova (Azambuja). Não era que às vezes tivesse lá muito que fazer, mas tinha de lá ir. Para além de maioral abegão da casa agrícola Ruy Gonçalves, ele fazia tudo desde o gado às sementeiras. O patrão chegava a pedir e ele respondia: "- Já está feito", recordou a viúva, orgulhosa do marido.

Há 33 anos que António "Carniça" era doente crónico: hipertenso, diabético, insulino-dependente. O seu estado de saúde não fez esmorecer a paixão pela vida do campo, mas foi debilitando os órgãos vitais. Ainda mais porque nunca cedeu às limitações que a sua saúde foi impondo ao longo da sua vida, trabalhou sempre com a dedicação e o empenho de um jovem. Mesmo na fatídica semana, ao longo da qual se queixou de indisposição geral, aliás, no dia em que foi recepcionado nas urgências do Hospital Reynaldo dos Santos, ainda foi apartar touros para um concurso de ganadarias que iria acontecer em Arruda dos Vinhos. Maria José voltou a emocionar-se e com os olhos marejados de lágrimas e a voz embargada, soltou: "é com orgulho, com prazer que digo que na arte dele o meu marido não foi só um campino, foi um senhor: a apartar touros, a enjaular, a arranjar os jogos de cabrestos. Ele dominava tudo na sua arte".

António "Carniça" era reconhecido no meio como mestre na arte de arranjar jogos de cabrestos, desde a escolha no



campo até à lide em Praça ou nos concursos de cabrestos. Pedro Silva, o filho, recordou que o pai “era capaz de passar horas e dias, para escolher um bom jogo. Um dos maiores prazeres que ele teve foi há uns anos ir ao Campo Pequeno recolher, a cavalo, os touros e cabrestos da Casa Agrícola onde trabalhava. Foi ele também que introduziu a prova de cabrestos na Feira de Santarém, assim como a prova de campo de apartação de um cabresto”.

Os cavalos eram outra paixão, ainda que fosse na perspectiva de servirem os seus objectivos de lide com o gado bravo e com os cabrestos. Era ele que os escolhia e desbastava. Pedro “Carniça” defendeu com orgulho que “ele tinha muita habilidade para andar e arranjar um cavalo. Sabia arranjar um cavalo para ele e por ele, era assim que gostava das montadas. Chegou mesmo a ser convidado para a Companhia das Lezírias para trabalhar com eles, mas não quis. Foi eguariço do Lima Monteiro, mas o que ele queria mesmo era lidar com os touros. Por isso é

que foi para o Ruy Gonçalves. Preocupava-se com o touro na acepção da Festa Brava. Quando o patrão dava a volta à Praça, era a felicidade plena para ele. Quando os touros escolhidos não rendiam ele ficava muito chateado. Sentia-se responsável por isso, porque era ele quem controlava tudo: as tentas, nascimentos. Tinha um papel muito importante e activo na ganadaria”, terminou referindo-se ao último Abegão da Casa Agrícola de Ruy Gonçalves, em Azambuja.

A vara do Campino Homenageado terá inscrito o nome de António “Carniça”. No Largo da Câmara Municipal, onde se realiza a cerimónia, vai ser homenageado pelo Colete Encarnado, edição de 2010. Estas linhas recordam a sua vida. No coração de Maria José há a saudade de um homem cujo maior defeito era ser “demasiado trabalhador” e a melhor qualidade era ter um “coração do tamanho do mundo”. Para os seus pares, o tributo a um excelente profissional, um mestre na arte da campinagem.

Texto: Prazeres Tavares  
Fotos gentilmente cedidas por Maria José Silva

# Tauromagia

**Biblioteca Municipal  
de Vila Franca de Xira**

## “Visões tauromáquicas”

29 de Junho a 3 de Julho,  
10h30/18h30

Ciclo de cinema tauromáquico do espólio da Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira e do realizador Francisco Rocha

## “Livros e Toiros”

29 de Junho a 3 de Julho, 10h30/18h30

Exposição de livros pertencentes ao fundo bibliográfico da Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira

## “Poemando: Triunfo e pranto”

1 de Julho, 18h30

Recital de poesias dedicadas à tauromaquia, por Paulo Renato Rodrigues.





## ACIMA DE TUDO, UM GRANDE AFICIONADO



*Mais que um acto de teimosia ou rebeldia, é a paixão pela Festa Brava que o torna criador de touros. Depois de ter sido forçado e de ter tido experiências no toureio a pé, não resistiu ao apelo de ter uma ganadaria brava, mesmo contra vontade inicial do pai. Para ele, o “Colete Encarnado” é a festa mais importante do Ribatejo e faz gosto em que os seus campinos marquem sempre presença.*



**A** Ganadaria “João Ramalho” pasta no Ribatejo, na “Quinta das Gatinheiras”, herdade de 38 hectares, no concelho de Salvaterra de Magos. É na casa desta herdade, já centenária e muito castiça, que encontramos o *ganadero*. Homem alto, de porte elegante (estilo britânico), João Ramalho recebe-nos com grande simpatia. De conversa fácil e muito apaixonada pelo universo taurino, demonstra uma enorme jovialidade que “arruma para um canto” a idade que possa estar inscrita no Bilhete de Identidade.

Proveniente de uma família ligada ao campo e ao gado, onde já tinham existido duas ganadarias bravas antes da sua, é a grande *aficción* pela Festa Brava que o leva a fazer renascer a criação de gado bravo. “Fui sempre muito aficionado desde pequeno. Fui forçado, andei no grupo de Santarém uma data de anos, gostava muito de tourear a pé e tinha muita *aficción*... porque é preciso ter muita *aficción* para isto!”, enfatiza.

A primeira compra de vacas bravas é feita à revelia do pai que, à época, dizia: “Acabou a ganadaria. Portanto, não há cá utopias, é gado manso!”. Mas João Ramalho não se conformava com a situação: “Eu tinha muita pena daquilo. Não podia ser!”. Então, depois de ter feito a vontade ao pai, de frequentar a Escola Agrícola, decidiu tentar a sua sorte na criação de gado bravo.

Na herdade já havia uma vacada mertolenga e João Ramalho decide comprar umas vacas bravas ao “Sr. Teixeira” (pai de António José Teixeira). “Escolhi daquelas raiadas e amarelas para fingir que era tudo gado manso”, conta, entre gargalhadas. João Ramalho estava convencido que assim enganaria o pai. Enganou-se ele! Quando o pai vê a vacada, chama-o e pergunta: “Olha lá, mas isto é uma vacada mansa ou é uma vacada brava?”. João Ramalho ficou sem saber o que responder e o pai acaba por lhe dizer: “Se queres, faz lá então a ganadaria brava. Mas tem de ser a sério!”.

Foi o que o filho quis ouvir e começa então a ganadaria a sério. Para isso teve a ajuda de um grande padrinho, o "Sr. José Pedrosa, um tipo extraordinário", afirma. Ele também queria acabar com a própria ganadaria e sabendo da vontade de João Ramalho perguntou-lhe se queria ir até lá escolher umas vacas suas. O jovem Ramalho só tinha dinheiro para cerca de 3 dezenas de vacas, mas José Pedrosa deixou-o escolher à vontade. No fim disse-lhe: "Você já escolheu. Agora vai levar mais 3 vacas muito velhas. Você vai levá-las à minha responsabilidade, que eu sei que lhe vão dar bom semental!" Duas dessas vacas foram oferecidas: a "Bandeira" e a "Bandarilha". Uma tinha 18 anos, outra tinha 20. E José Pedrosa tinha razão: uma das vacas deu dois sementais e a outra deu mais um. "O homem deu-me a "fina-flor" do que tinha. O José Pedrosa, para mim, foi espectacular!" - afirma, reconhecido e grato. A ganadaria tem então origens "Soler", à qual junta mais vacas dos Irmãos Roberto, que eram puro "Pinto Barreiros", a sua ganadaria preferida. Mais recentemente adquire também "Oliveiras, Irmãos".

Com divisa lilás e branca e ferro em forma de fateixa, a estreia da ganadaria tem lugar a 9 de Maio de 1965, em Salvaterra de Magos, com quatro novilhos lidados por José Simões e José Falcão.

Actualmente a ganadaria é principalmente de encaste "Pinto Barreiros" e tem 112 efectivos: 3 sementais, 65 vacas de ventre, 18 vacas de tenta, 14 machos pequenos e 12 machos prontos a lidar este ano. "Não dá para a gente se alongar. No dia em que ficar uma corrida em casa eu perco dinheiro. Portanto eu tenho que ter o efectivo que vejo que posso ter, até porque não tenho assim tantas terras e as que tenho são para dividir entre touros e agricultura".

### Toiros de personalidade aguerrida

Os toiros da ganadaria "João Ramalho" dificilmente atingem os 510 kg, mas "são muito aguerridos". O *ganadero* considera que em Portugal muitos evitam tourear toiros com estas características: "Acham que os meus toiros perseguem e não são cómodos". No entanto, João Ramalho gosta que os seus toiros sejam assim. Para ele, o toiro bravo é o que investe, que persegue e que até ao final quer dar luta. A habilidade de os "dobrar" tem de estar no toureiro, tanto a pé como a cavalo. "Aquele toiro que

persegue e depois fica parado, que arranca e depois pára outra vez, para mim, não tem interesse nenhum".

E recorda um episódio com António Ribeiro Telles, que, depois de tourear um dos seus exemplares, atirou-lhe o tricórnio e disse-lhe: "Parabéns! Isto assim dá gozo tourear!"

Já nos tempos de forcado lembra que gostava era do toiro que arrancava "de largo" e que vinha pelo caminho dele quase sem ser preciso chamar. "Aquele toiro que fica ali encostado às tábuas, que a gente se farta de chamar: ó toiro, ó toiro, ó toiro -, e ele nunca mais arranca, isso para mim não me diz nada".

Assim que teve hipótese de lidar em Espanha não hesitou. "Eu gostava muito, muito, do toureio apeado. Cá, hoje em dia, raramente se vê. Apareceu a hipótese de nós entrarmos em Espanha, fiz a prova e entrei logo". Foi em Agosto de 1993, em Casavieja. Ali, o segredo do bom desempenho dos seus toiros está na forma como são picados.

Lembra uma corrida em S. Bernardino de la Vega: "Foi uma corrida muito boa, muito boa. O Tomás Campuzano não conhecia a corrida e quando viu o toiro, assim meio magrinho, deu-lhe só uma vara. Os companheiros, que já conheciam a ganadaria, disseram-lhe que só assim era pouco. Quando foi a vez deles, deram-lhes três varas, cortaram orelhas e foi um sucesso. Quando o Tomás voltou à praça, deu também três varas e foi muito melhor. Acabou por sair em ombros. Ele e os outros. Saíram todos em ombros!".

Tanto em Portugal como em Espanha já ganhou vários troféus de bravura e apresentação.

Este ano tem duas corridas preparadas. À data de entrevista, a previsão era seguirem as duas para Espanha.

### A Festa em Portugal

O ano passado o *ganadero* perspectivou uma situação animadora para os toiros portugueses. Mas este ano, ao ver entrar tantos toiros espanhóis, julga que, afinal, a situação não é tão favorável.

O criador de toiros lamenta que muitos empresários tenham preferência pelas ganadarias espanholas em detrimento das portuguesas. Critica principalmente os empresários que já exerceram funções dentro da arena:







“vão buscar toiros para dar cabo daquilo que eles foram, que são os forcados. Porque os problemas que têm havido com os forcados acontecem por causa deles. Eu não acredito que uma empresa boa não prefira dar mais algum dinheiro sabendo que vai apresentar um espectáculo digno!”. A continuar assim, a festa em Portugal vai certamente ressentir-se, considera, uma vez que os bons forcados também levam muita gente às praças.

A experiência demonstra-lhe que, no país vizinho, em primeiro lugar estão as ganadarias espanholas, ao contrário do que parece acontecer em Portugal. No entanto, o *ganadero* faz questão de elogiar o empresário que está actualmente em Vila Franca: “Presto-lhe vassalagem porque o homem evita meter toiros espanhóis. É um empresário português que acha que nós temos produtos tão bons ou melhores que eles!”.

Por outro lado, há a questão do preço dos bilhetes, que considera ser mal gerida. “Cá em Portugal, quando se faz as contas, faz-se à meia-casa: a meia-casa tem que pagar a corrida e isso é um disparate. Se fizerem os preços mais baratos, vai muito mais gente aos touros”.

#### Colete Encarnado – a festa principal do Ribatejo

Para João Ramalho, o “Colete Encarnado” é a principal festa ribatejana de Toiros. Quando era jovem e forcado estava sempre presente. “Numa altura não havia grupo de Vila Franca e o grupo de Santarém pegou muitas vezes no Colete Encarnado. E pegávamos depois na Feira de Outubro: à terça-feira o toiro era sempre nosso!”, recorda. Mas também era rapaz de ir para as esperas. Mesmo com a roupa a rigor, de jaqueta ou de fato e gravata. Até que um dia saiu de lá com um modelo de fato, digamos, diferente. “Eu era maluco pelas esperas! Uma vez, em plena Serpa Pinto, estávamos de olho nos toiros a ver se vinham, se não vinham. Eu, entretanto, já tinha visto uma porta por onde fugir caso chegasse o toiro. De repente começa tudo a gritar que vinha aí o toiro. Há aquela confusão e...claro que vai tudo para a mesma porta para onde eu também queria ir. Olhe, estava com um fato à futrica, depois disso fiquei, de um lado com o fato à futrica, do outro com uma jaqueta (gargalhada). Fecharam-me a porta, o fato enganchou e levaram-me um bocado. Ficou uma jaqueta bonita (gargalhada)!”.

É com enorme gosto que dispensa o seu pessoal para participar na Festa, até porque não costuma ter problemas

por falta de homens para fechar uma corrida de toiros. “Há até o caso de um ajudante meu, o Acácio “Banana”, que quando foi trabalhar aqui para a IDAL Ihes disse logo: “Olhe que quando o patrão João Ramalho precisar ali de fechar uns toiros ou qualquer coisa assim eu tenho que ir lá ajudar!”. E os homens da IDAL acharam-lhe tanta graça que nunca se opuseram a isso.”

Assim, quando se aproximam as vésperas do mês de Julho “aparecem-me todos, os que são campinos e os que não são, para ir para o Colete e vão, sempre! Eu sempre gostei muito do Colete Encarnado. É uma festa muito ribatejana. Só há três grandes festas no Ribatejo: O Colete Encarnado, em Vila Franca; a Sardinha Assada, em Benavente e a Quinta-feira de Ascensão, na Chamusca. Todas as outras são réplicas e as cópias nunca são boas!”

#### CASAMENTO COM ACTRIZ



João Ramalho é casado com Maria Teresa Ramalho, ou “Tareca” como muitos lhe chamam, atriz conhecida do público principalmente pelas novelas em que participou. Em jeito de brincadeira diz mesmo que a mulher “é uma *ganadera* importante”. Conta que já era aficionada antes de casar com ele, mas depois “ficou mais!”

O casamento permite-lhe o contacto com o mundo artístico, donde muitas vezes saem vozes críticas à tourada e à Festa Brava. João Ramalho reconhece que sim, mas que isso, aos poucos, pode mudar. Dá o exemplo do que se passa actualmente com uma telenovela que está a ser gravada no Ribatejo: “Há lá actores e atrizes que, à partida, eram contra as touradas e os touros e que agora estão a conhecer a nossa realidade e o maneiço do campo e estão a mudar completamente!”.

Texto: Susana Simões Santos  
Fotos: Ricardo Caetano

## O "TOUREIRO" DAS RUAS DE VILA FRANCA DE XIRA



*O Colete Encarnado, a grandiosa homenagem de Vila Franca de Xira ao Campino, exala, não há dúvida nenhuma, a Festa Brava. Naquele fim-de-semana e pela Feira de Outubro, há uma tradição arreigada à vertente amadora e popular da tauromaquia, uma verdadeira referência histórico-cultural, com destaque no turismo e aficcion portuguesas e que atrai à sede de Concelho milhares de visitantes: as esperas e largadas de touros. Quanto a Francisco Mendes, ou como é conhecido no meio, "Chico Papo Seco", a lógica é semelhante: é um toureiro amador, uma referência nestas lides. O espectáculo sem a sua presença continuaria e realizar-se, mas todos os habitués reconhecem que não seria a mesma coisa.*

Chegada a 6.ª-feira de Colete Encarnado, as ruas engalanadas de Vila Franca de Xira já deixam transparecer o ambiente festivo que se avizinha. Das tertúlias sobressaem os caniçados, nos fogareiros crepita a sardinha assada, a enfiada de ruas da Praça de Touros Palha Blanco até à Curraleta está orlada de tronqueiras, no ar o cheiro a areia molhada, por todo o lado milhares de Vila-Franquenses e forasteiros. Depois de rebentarem os foguetes, algures entre a multidão e os cornos dos touros, está sempre o "Chico Papo Seco". Vestido a jeito da arte de recortar os touros na rua, esclareça-se: ténis, t-shirt, calções e boné na cabeça, este aventureiro, amante incondicional da Festa Brava, está presente em todas, rigorosamente todas as esperas e largadas de touros que se realizam em Vila Franca de Xira. Das varandas é ovacionado, das tronqueiras sibilam de incentivo, outros há que observam a mestria do "Chico", os mais aventureiros tentam imitá-lo. É para estes que investe o touro, depois do "Papo Seco" lhe falar ao "coração". "Agarro-me ao rabo e começo a falar com ele e ele queda-se um bocadinho quando lhe falo, mesmo que não perceba o que estou a dizer. Ele reconhece-me pela voz. Passo um bocado bom para o conseguir, às vezes uma hora de roda dele, a falar com ele, a fazer-lhe festas. O meu tetravó,

Ângelo Cuco, desbastador de touros bravos na Lezíria, ensinou-me que quando se está a brincar com o touro, se deve sempre falar com ele. Este é o meu segredo. A partir daqui arranca com toda a gente, menos comigo. Claro que tenho de ter precauções, mas faço assim", explicou Francisco Mendes de forma simplista tendo em conta que enfrenta touros bravos que, normalmente, têm sempre mais de 500kgs.

Procurando exemplificar o que acabara de explicar, mostra, orgulhosamente, uma fotografia onde estava a montar um touro, depois de lhe ter coberto o dorso com uma manta lobeira. "Quando o touro vem, logo pelo andamento dele sei se ele vai ou não deixar fazer umas brincadeiras, se vai deixar-se agarrar. Às vezes engano-me, mas o touro quanto mais nobre é, melhor se lida com ele", acrescenta este veterano das esperas e largadas.

A sua mestria é reconhecida no meio, tanto é que "há sempre quem me venha pedir conselhos e eu digo-lhes façam mais assim, façam mais assado. Por exemplo, houve aí um rapazito que vinha muito ter comigo, era o Pitó, deixou-me muitas saudades porque o putinho tinha pé para os touros, parecia um pardal, mas infelizmente acabou por falecer na cabeça deles", referiu emocionado.





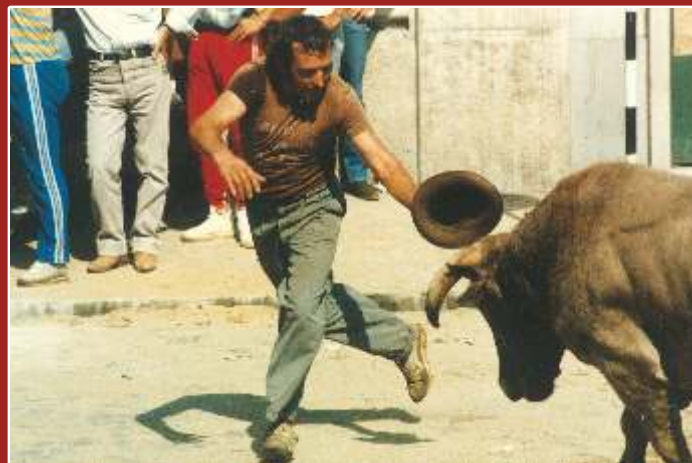
### Fintar os touros nas Esperas há 48 anos

Há 48 anos que é presença assídua nestas manifestações tauromáquicas Vila-Franquenses: “a minha presença nas esperas marca a diferença. Não é para me gabar mas quando eu tinha pernas e aparecia um touro com vida e alma as pessoas diziam logo: -Este é para ti. Eu gostava deles quando davam luta, quando corriam, quando vinham atrás de mim, quando lhes podia pôr a mão na cabeça, quando os podia rabujar. Com estes touros fazia alegrias, ajoelhava-me a toureá-los, punha-me a cavalo neles, dava-lhes água, punha-lhes o chapéu na cabeça, as pessoas adoravam aquilo. Diziam logo: - Já chegou o Chico Papo Seco, agora é que a festa vai animar. Era assim”, recordou o neto do moleiro vaidoso, a quem por isso apelidaram de “Papo Seco”.

A melancolia termina aqui, porque cheio de vitalidade continuou: “tenho 55 anos e ainda me sinto com genica, não é o que era, mas ainda tenho. Às vezes ouço a gritar das varandas: - Olha o Papo Seco, já não és o que eras e eu digo: - É pá o que é que queres, não posso fazer milagres! Hoje as pernas começam a falhar, ainda no ano passado liguei as quatro rodas e o turbo e aquilo não andava, nem por nada! Mas ainda vou a todas as esperas e fico lá o tempo todo. Antigamente ia a todas: Arruda dos Vinhos, Samora Correia, Vila Franca de Xira, mas agora só vou às do Colete Encarnado e às da Feira de Outubro. E enquanto puder, hei-de ir!”.

“Nasci em Vila Franca de Xira e adoro a minha terra”, prosseguiu Francisco Mendes com o “coração ao pé da boca”. “Tenho amor à Festa Brava, adoro tudo o que tenha a ver com este mundo. Comecei a ir pequeno, descalço, às esperas do Colete Encarnado e apaixonei-me. Não nos podemos esquecer que o Colete era um ponto de referência Nacional, não havia largadas de touros como as de Vila Franca e todas as outras festas nasceram da nossa tradição”, disse peremptoriamente.

Andava no Ensino Básico, antiga Escola Primária, quando







começou "a ir com os colegas da escola, o Betinho, o Zé Domingos, o Tavares, o Flausino, os Letras, enfim, vários rapazes. Comecei a gostar e a ter jeito. O meu pai não me dizia nada mas a Tia Delfina (a mãe) ralhava comigo que era danado!", recordou sorridente o único descendente da família "Papo Seco", incluindo os três irmãos, com queda para fintar o touro.

"Hoje não tenho muitos a referenciar. Infelizmente há poucos: o Betinho e eu. Não vejo mais ninguém. Aparece um ou outro, mas fraco. A coisa está um pouco diferente, não é como antigamente, hoje brincam de uma maneira diferente. Uma largada é para brincar e não para tourear. E hoje as pessoas vão lá para dentro tourear. Ali não é para picar, não é para mandar pneus, é para ser usada, por exemplo uma manta ou um cartão e não o capote. Respeitamos o touro, não o queremos massacrar. Esta é a minha opinião e por isso quando vejo fazer mal ao touro intervenho logo, sou o primeiro a ralar", disse convicto.

"A espera é um espectáculo arriscado. Há que ter em conta que há técnica de agarrar o touro, a maravilha de brincar com ele, enfim de fazer várias brincadeiras para alegrar quem está a ver. Antigamente apareciam vários, brincávamos, animávamos a festa, corriamos um para um lado, os outros para o outro, agarrávamo-nos aos touros, enfim era uma alegria, acabava por ter a sua graça", terminou saudosista.

Se hoje é uma referência nas esperas e largadas de touros, em jovem augurou ser toureiro: "eu queria ser toureiro, tinha para aí 15 anos e a ainda treinei com o Mestre António. Na altura reuníamo-nos no Café Central com ele, com o Serpa, o Poeira, João José e o Jacinto, mas éramos mais. Um dia esse Senhor disse-me que eu nunca seria toureiro, porque já havia um com esse nome. O que é facto é que nunca cheguei a ser toureiro. Não sei porquê: fazia tudo, não tinha medo, brincava com os touros, tinha-lhes respeito, mas não consegui. Continuei por isso a brincar nas largadas de touros e lá fiquei até hoje".

Profissionalmente também se mantém ligado ao mundo da tauromaquia, através da sua empresa de transporte de cavalos. Este projecto, assim como o fervoroso empenho que dedica às esperas e largadas, são o seu futuro. Para o Colete Encarnado deseja que "a Festa seja boa, como sempre dedicada ao Campino, que os touros das esperas sejam bons e que corra tudo bem".



## Os episódios que deram que pensar . . . mas pouco

Nestes 48 anos a animar as esperas de Vila Franca de Xira, muitos serão os momentos em que "Chico Papo Seco" sentiu a adrenalina a subir a níveis extremos, pela perigosidade que teve de enfrentar. Os piores não estiveram relacionados com o seu desempenho na arte de burlar o touro, mas pelo seu espírito solidário e de entreaduja que sempre o acompanha no seu dia-a-dia. "Acabo por salvar pessoas que não sabem sequer onde estão, por estarem demasiado alcoolizadas e aquele lugar não é para brincar. A 5 de Outubro de 1975, ali no largo da Estação, para salvar um indivíduo de levar porrada, levei uma tarefa enorme do touro, mesmo à Papo Seco! Parti o braço esquerdo, tive de receber tratamento. Este é o episódio que recordo mais. O touro lá achou que eu não tinha a nada a ver com aquilo e ... veio contra mim. Fui para salvar uma pessoa e tive azar. Calhou-me a mim. Mas não desisti", finalizou com determinação.

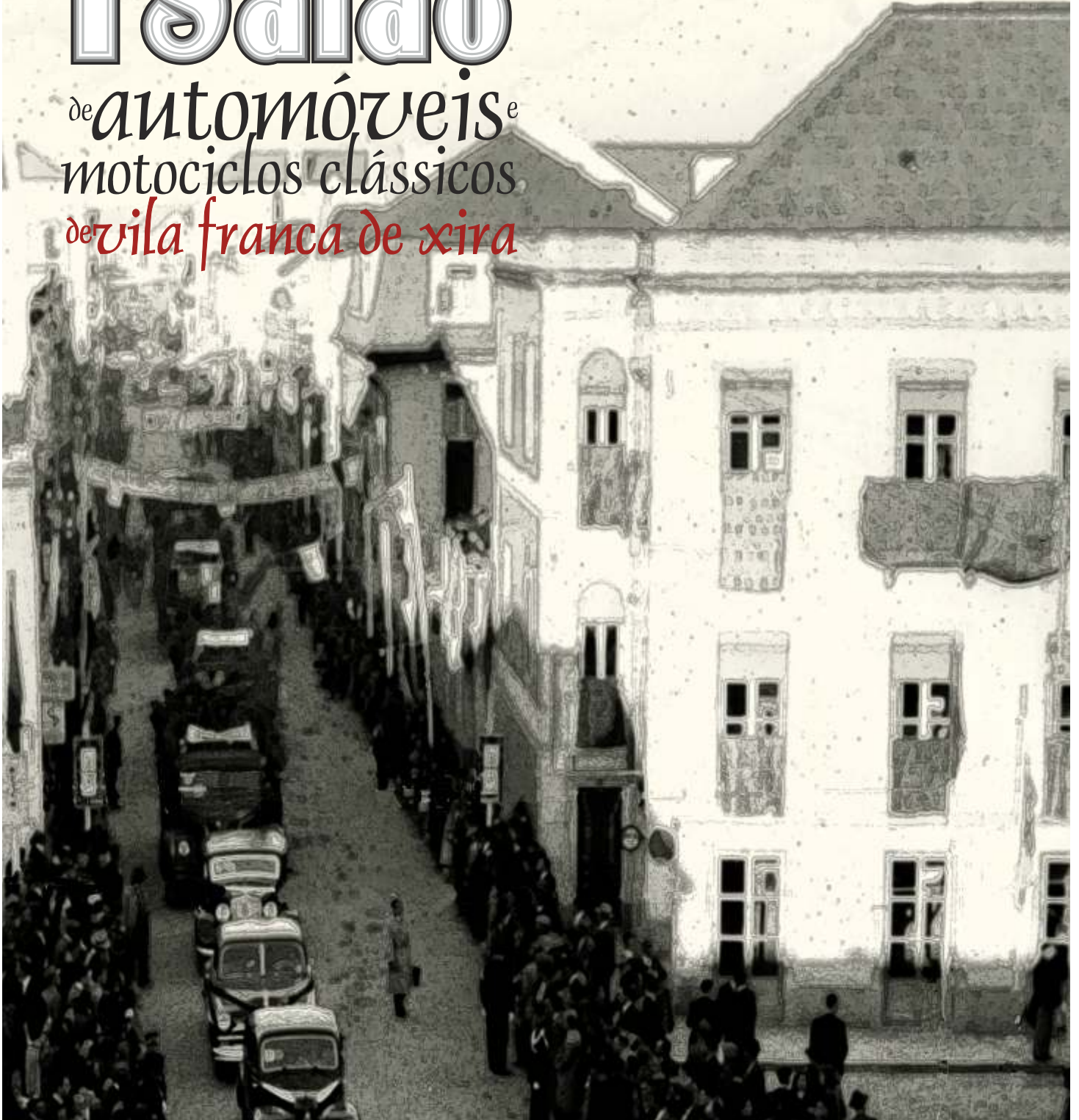
Mas também há episódios caricatos inesquecíveis: "há uns anos atrás assisti a uma que parece uma anedota, mas na altura apanhei um valente susto. Vi o touro a arrancar para um homem e segundos depois vejo a perna dele, arrancada do corpo, no chão! Ficámos todos em pânico por um tempo, até que percebemos que era uma prótese!". Claro que esclarecido o equívoco e socorrido o desafortunado senhor, a festa continuou e o Sr. "Papo Seco" continuou a divertir-se e a animar a assistência das esperas de Vila Franca de Xira.

Texto: Prazeres Tavares  
Fotos: Ricardo Caetano



# Salão

de *automóveis* e  
motociclos clássicos  
de *vila franca de xira*



**26 de Junho a 4 de Julho**

26 de Junho . 18h00 | 22h00 //// 27 de Junho . 14h00 | 22h00

28 de Junho a 1 de Julho . 14h00 | 19h00 //// 2,3 e 4 de Julho . 14h00 | 22h00



Município de Vila Franca de Xira | Cultura





1.ª 10.ª de  
**Outubro '10**

PARQUE URBANO DE  
**VILA FRANCA DE XIRA**  
**FEIRA**  
**ANUAL**



**30<sup>ª</sup>** SALÃO DE  
**ARTESANATO**



[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



**alverbyte**  
Sociedade de Serviços e Informática